

GULA: RESÍDUO MEDIEVAL EM OS MALAS

Patrícia Elaine Lima Barros¹

A espiritualidade passou por várias mudanças ao longo da existência humana. Uma das mais notáveis se deu com o advento do cristianismo, que aos poucos foi se impondo por meio de regras que regiam a boa conduta para que o indivíduo pudesse se aproximar mais facilmente a Deus. Mas nem sempre o bom procedimento era seguido. Então, para extirpar o mau comportamento, a Igreja medieval se ocupou de “educar” o homem por meio da religião em vários aspectos, entre os quais, o corpo.

A alimentação, assim como o sexo, é uma necessidade do corpo humano, não como prazer, mas como meio de sobrevivência, ou seja, é imprescindível para as suas funções vitais.

Na concepção cristã, a palavra *carne* ganhou uma acepção pecaminosa, totalmente ligada aos desejos do corpo (VISALLI, 2003). Sendo o corpo templo do Espírito Santo (1Cor. 6-9), dever-se-ia ter cuidado ao se fazer uso dele; maculá-lo significaria manchar o próprio Deus. “A castidade acabava tendo a conotação de manifestação de respeito ao território de Deus. A satisfação física, individual, indicaria uma apropriação indevida.” (VISALLI, 2003, p.71)

Os prazeres do mundo eram sentidos na carne (VISALLI, 2003), que por isso deveria estar submetida à vigilância constante. Esses prazeres se referiam à alimentação e ao sexo, que deveriam ser combatidos com jejuns e abstinência sexual.

O sexo é geralmente assunto previsto quando o tema diz respeito ao pecado da carne dentro do cristianismo. Porém, à gula deve ser dada a mesma importância como pecado carnal, como o fez Cassiano², nas palavras de Visalli:

1 Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do GERLIC.

2 João Cassiano. Autêntico representante da tradição do deserto. Cristão coetâneo de Agostinho (VISALLI, 2003, p.74).

Quando Cassiano ordenou os vícios a que estavam sujeitos os homens, dividiu-os em combinações, duplas associativas, enfatizando o dado de que os vícios não seriam independentes entre si, mas responderiam a um encadeamento. Como bom seguidor da “tradição do deserto”, Cassiano iniciou a cadeia dos pecados pela gula, esta fazendo par com a fornicação. Sua vinculação obedecia a um princípio bastante simples: eram ambos pecados oriundos de necessidades físicas “naturais”. A partir da ingestão de excessiva alimentação acender-se-ia no corpo o desejo da fornicação, e dela poder-se-ia passar a outros pecados (VISALLI, 2003, p.78).

Nas primeiras civilizações, acreditava-se que os deuses realizavam importantes assembleias diante de banquetes apreciáveis e ali tomavam sérias decisões (FLANDRIN; MONTANARI, 2008, p.50). Outras vezes, davam boas-vindas ou celebravam acontecimentos festivos oferecendo refeições solenes. Porém, com a chegada do cristianismo, na Idade Média, as características festivas do banquete foram transformadas pelo novo segmento religioso, que aos poucos foi tomando conta do Ocidente.

O exagero alimentar foi chamado pelo cristianismo de gula, vício que compõe a lista dos sete pecados capitais cristãos, nomenclatura definida também no período medieval, e tão facilmente encontrável nas páginas de *Os Maias*. Os vários banquetes e as bem regadas bebedeiras comprovam a permanência dessa mentalidade cristã medieval na obra, como bem mostra o narrador ao se referir à senhora Viscondessa – “uma Runa, uma prima da mulher de Afonso” (QUEIROZ, 2005, p.61) – num jantar na casa do patriarca Maia: “Parecia assim mais gorda, toda açaçapada na cadeira silenciosa, comendo sempre; e, a cada gole de Buccellas, refrescava-se languidamente com o seu grande leque negro e lan-tejoulado.” (QUEIROZ, 2005, p.61).

Notemos a permanência da gula despreocupada na cena ora citada, completamente avessa à mentalidade cristã mediéfica, que se punha adversa a festas e banquetes:

Uma religiosidade que se baseava na interdição do prazer (ou ainda na vontade de experimentá-lo) não poderia realmente sancionar o ambiente de festa, pois que este tem como um dos seus elementos essenciais a abundância do comer e beber, assim como o riso festivo que, a princípio, se contrapõe à seriedade e comprometimento que envolve o pensamento religioso cristão. (VISALLI, 2003, p.82)

Mas, o excesso de bebida e de comida é constante na alta sociedade do século XIX das páginas de *Os Maias*. Qualquer conversa ou encontro acaba em abundantes refeições e/ou bebedeiras. É o que constatamos, por exemplo, no capítulo VIII, volume I, quando Carlos da Maia e o Cruges – pianista muito achegado ao Ramalhete, conhecido como maestro – passeiam por Sintra, lugar “de grandes rochas e de nascentes de águas vivas...” (p.212) e, ao chegarem à Porcalhota, Cruges revela sua fome, na voz do narrador:

O seu vivo desejo seria comer o famoso coelho guisado, mas, como era cedo para esse acepipe, decidiu-se, depois de pensar muito, por uma bela pratada de ovos com chouriço. Era uma coisa que não provava havia anos e que lhe daria a sensação de estar na aldeia... Quando o patrão, com um ar importante e como fazendo um favor, pousou sobre a mesa sem toalha a enorme travessa com o petisco, Cruges esfregou as mãos, achando aquilo deliciosamente campestre.

– A gente de Lisboa estraga a saúde! – disse ele, puxando para o prato uma montanha de ovo e chouriço. – Tu não tomas nada?...

Carlos, para lhe fazer companhia, aceitou uma chávena de café.

Daí a pouco Cruges, que devorava, exclamou com a boca cheia:

– O Reno também deve ser magnífico (QUEIROZ, 2005, p.212-213).

Observemos que Cruges, de certa forma, reconhece que sua gulodice vai além da alimentação devido à grande quantidade de ovos e chouriço que coloca no prato. Todavia isso não o faz, em nenhum momento, repudiar comida em demasia. Do ponto de vista cristão, Cruges transgrediu uma norma divina, a temperança, virtude que contraria a gula. Essa quebra de preceito demonstra claramente a continuidade da gula, tal qual era considerada pecado capital na Idade Média. A conduta da personagem inserida em página de uma narrativa de período muito posterior se constitui num evidente *resíduo*.

A atitude de Carlos em aceitar apenas uma chávena de café para acompanhar Cruges poderia funcionar como um exemplo dentro do contexto cristão que aqui adotamos, uma vez que, ao contrário do amigo, alimenta-se moderadamente, apesar de a atitude do doutor não ter sido motivada por razões religiosas. Vê-se que não há nenhuma menção a qualquer tipo de desprendimento por parte de Carlos, embora sua atitude acabe funcionando como modelo a ser seguido aos olhos da Igreja no que concerne à temperança, porque:

A noção de gula leva em conta o limite do que precisamos para sobreviver e tenta desassociar a necessidade calórica mínima diária das influências contaminadoras do insaciável desejo, obsessão ou prazer. (PROSE, 2004, p.17)

Em Deuteronômio 21, 20, lemos: “E dirão aos anciãos da cidade: ‘Este nosso filho é rebelde e incorrigível: não nos obedece, é devasso e beberrão.’” (BÍBLIA SAGARADA, 2003, p.218). A bebida em excesso também é considerada pela Igreja como gula, sendo também facilmente encontrada n’*Os Maias*: “E atirou o *vermouth* às goelas” (QUEIROZ, 2005, p.157); “Craft bebia em silêncio, e aos goles, o seu *cognac*.” (QUEIROZ, 2005, p.262); “ele [Ega] acabou a garrafa de *champagne*” (QUEIROZ, 2005, p.265); “[Ega] Tinha feito o possível, bebido tudo, até aguarrás.” (QUEIROZ, 2005, p.266).

É importante observar que as bebidas consumidas durante a narrativa eciana são sofisticadíssimas: vinhos de Chipre, do Porto, da Madeira, *champagnes*, vinhos velhos. As comidas, em termo de requinte, não ficam para trás: perdizes, salvas de doce, croquetes, ervilhas ao molho branco, boas comidas. Segundo Visalli, Lothário “criticava o desejo de comer pratos requintados e bebidas exóticas, alimentos que visassem não simplesmente à saciedade da fome e sede.” (2003, p.84), ou seja, sinônimos de vaidade e *status*.

Na narrativa, as refeições também indicam momentos de interação social: discussões, recepção de amigos, comemorações, como pode ser constatado no momento em que Ega, vestido de Mefistófeles para ir a uma festa a fantasias na casa dos Cohens, chega à casa do Craft, indignado por ter sido expulso pelo dono da residência: “Ega romperá logo a contar o seu caso – enquanto Craft, sem espanto nem exclamações, ia preparando metodicamente sobre a mesa três *groggs* de *cognac* e limão” (QUEIROZ, 2005, p.261).

Esse costume de fazer conhecer um assunto durante as refeições, ou durante momentos em que se ingerem bebidas, é oriundo da Idade Média:

A refeição era reconhecida e utilizada como sinal de criação ou de reconhecimento de um laço social. Na alta Idade Média abundam as referências a refeições e

banquetes no âmbito da amizade ou das relações “associativas”. [...] Esse laços de amizade ou associativos existiam em todas as camadas da sociedade medieval (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.301).

São também característicos do período medieval os costumes de comer e beber junto, isto é, aos pares. “O mais importante era comer e beber junto, e não o que se comia e o que se bebia” (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.304), e isso ocorre regularmente no enredo eciano. Nunca se está sozinho quando se dá uma ceia ou uma bebezaina. Em certo momento, João da Ega, após ter se afastado em momento posterior ao episódio da festa a fantasias, retorna a Lisboa em visita rápida para conversar e desfrutar de boa comida:

E em seguida aos primeiros abraços declarou que vinha a Lisboa, só por alguns dias, unicamente para comer bem e para conversar bem. E contava com Carlos para lhe fornecer esses requintes, ali, no Ramalhete... (QUEIROZ, 2005, p.47)

Não obstante, na Idade Média esse costume não se dava apenas entre o povo, mas também entre o clero, apenas que à luz do cultivo da boa convivência:

Tanto os grupos seculares como os religiosos da Idade Média tinham plena consciência da eficácia do *convivium* para estabelecer e reforçar os laços comunitários; além disso, as formas e os conteúdos de suas patuscas eram muito parecidos. Eles se caracterizavam pela abundância das comidas e bebidas, por uma duração excepcional a nossos olhos e pelos divertimentos mundanos que também contribuíam para a confiança e a

solidariedade. (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.305)

Não podemos deixar de lembrar que o alimento servido e consumido em grande quantidade era sinônimo de poder no período mediéxico:

O fato de comer muito caracteriza os poderosos. A força – esse indispensável atributo do poder – depende não só do tipo de alimentos ingeridos [...] mas, também, da quantidade de alimento que se come. [...]

Esse tipo de mentalidade parece predominante durante a alta Idade Média. (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.294)

Mas, por que a gula é considerada um pecado capital se a alimentação é algo indispensável para a sobrevivência do ser humano? Francine Prose esclarece que há duas possíveis explicações para que os primeiros teólogos considerassem a gula um pecado capital:

a primeira objeção principal à gula é que o culto dos sentidos em geral e do sentido do gosto em particular desvia nossa atenção das coisas sagradas e torna-se substituto para a veneração a Deus. A segunda teoria é que a gula nos deixa desprevidos, enfraquece nossas defesas morais, e assim prepara o caminho para a libertinagem e a devassidão (PROSE, 2004, p.22-23).

Temos exemplo dessa segunda teoria no momento em que Vargas – após a corrida de cavalos, que há muito não se dava em Lisboa –, no Ramalhete, exagera ao beber: “ia na sua terceira garrafa de *champagne*, esmurrara um criado no bufete, com ferocidade” (QUEIROZ,

2005, p.325). A partir do momento em que Vargas se excede na bebida, age contrariamente à moral, que enfraquecida, leva-o a agir com total descontrole. Dessa maneira, a gula se mostra prejudicial à ordem e, por isso, como prega a Igreja desde o período medieval, deve ser combatida e vigiada como os demais pecados.

Embora não se faça menção alguma n'Os *Maias* à gula como transgressão, no sentido religioso, o papel que esta desempenha na obra é indiscutível diante do notável exagero do comer e beber quando lemos a obra à luz da mentalidade cristã medieval.

É sempre diante de grandes quantidades de comida e de bebida que a elite lisboeta do século XIX se encontra, a crer na narrativa de *Os Maias*. Tal comportamento apresenta-se como resíduo da Idade Média na obra realista portuguesa em questão. A partir da mentalidade religiosa medieval quanto ao excesso de saciedade do corpo físico, podemos observar a *remanescência* de *substratos mentais* acerca da gula num contexto social português, embora o autor não faça, em nenhum momento, menção a esse pecado capital, até mesmo por ser o escritor notadamente anticlerical. A quebra do preceito da temperança mostra claramente a continuidade do pecado da gula num período bem posterior ao medieval, em que foi *a priori* constatado, porém soa na narrativa do século XIX de forma nova e pulsante.

Fica fácil de perceber, após o exposto, que o pecado da gula presente em *Os Maias*, se configura, portanto, como *resíduo* da mentalidade cristã medieval *sedimentada* nos costumes da elite lisboeta. Sendo assim, podemos afirmar que a *Teoria da Residualidade*³ concorre para evidenciar este fato, uma vez que a permanência de preceitos morais de uma época anterior, a Idade Média, renova-se e se refaz num momento ulterior, o século XIX português.

3 Em entrevista concedida a Rubenita Moreira, Roberto Pontes faz os esclarecimentos acerca da *Teoria da Residualidade* por ele sistematizada. Entre os conceitos operativos da teoria, o de *resíduo* é fundamental. Segundo o autor, “resíduo é aquilo que remanesce de uma época para outra e tem a força de criar de novo toda uma cultura, toda uma obra” (PONTES, 2006, p. 08)

Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA – HARPA CRISTÃ. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. Coleção Aldus.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 3.0. Objetiva, Junho, 2009.
- PONTES, Roberto. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade*, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, 05 e 14 de jun. 2006. Fortaleza: (mimeografado), 2006.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (dir.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- PROSE, Francine. *Gula*. São Paulo: Arx, 2004. (Sete pecados capitais)
- QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Porto Alegre: L&PM, 2005. . Vol.2.
- ROIO, José Luiz Del. *Igreja Medieval – A cristandade latina*. São Paulo: Ática, 1997.
- VISALLI, Angelita Marques. *O corpo no pensamento de Francisco de Assis*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.